

**PROJETO**

**DE**

**APRENDIZAGEM**

CS 016 - Tópicos Especiais em Midialogia II

Professor José Armando Valente

Daniel R. R. dos Santos – R.A.:032021



# Agradecimentos

Agradeço a todos os meus colegas de república, por me aturarem treinando diariamente um solo que, apesar de maravilhoso, não se livra de se tornar enjoativo, e ainda assim ainda me incentivavam nas diversas vezes em que pensei em desistir.

Agradecimentos especiais a André Nogueira, por me emprestar dinheiro para comprar as cordas da minha guitarra, que utilizei no meu processo de aprendizagem e a Rodrigo Machado, por pisar o pedal de Wah-Wah na hora certa;

E o maior dos agradecimentos a Slash, por ter inventado esse solo divino!

Dedico esse trabalho ao professor José Armando Valente, por ter me proporcionado a chance de realizar um grande sonho, que eu já havia considerado inatingível!

# **1 - INTRODUÇÃO**

Chamo-me Daniel Ricardo Rodrigues dos Santos. Nasci no dia dez de dezembro de 1984, na cidade de São Paulo, capital. Sempre morei no mesmo apartamento, num bairro muito pouco conhecido, chamado Jardim Popular. Desde pequeno já demonstrava muito interesse por futebol e por matemática, que são duas grandes paixões da minha vida. A terceira, que só veio se juntar às outras duas bem mais tarde, em meados de 1996, é a música. É estranho, mas a minha paixão pela música começou pelo fim...

Nunca havia me chamado muita atenção o aparelho de som que ficava numa estante em meu quarto, entre minha cama e a janela, e também nunca soubera eu o nome das bandas cujas músicas meu pai escutava em seu aparelho de som lá na sala e que me causavam uma estranha e boa sensação. Mas foi no dia 11 de outubro de 1996 que tudo começou a mudar em minha vida. Nesse dia falecera Renato Manfredini Jr., o Renato Russo, vocalista e líder da Legião Urbana, banda que pereceria junto com seu líder. Na noite desse 11 de outubro (não me perguntem o porquê) eu resolvi ligar aquele aparelho de som semi-novo que meu pai recebera como pagamento de uma dívida de um antigo amigo seu. E foi então que descobri o nome da banda que tocava uma grande parte das músicas vindas da sala que me causavam aquela estranha e boa sensação. Graças à 89FM, uma rádio paulistana (e agora com filial também em Campinas) especializada em tocar músicas “estranhas e boas”, que, no momento em que eu ligava o rádio, resolvera começar um programa feito às pressas em homenagem ao recém-falecido líder da Legião Urbana. Resultado: amor à primeira audição (audição consciente, porque é verdade que antes disso eu já havia escutado Legião Urbana, mas sempre de forma passiva e desinteressada). Desde então venho comprando tudo o que encontro relacionado à essa banda, e a partir dela acabei conhecendo outras, e outras... E é por isso que a minha paixão pela música “começou pelo fim”. Começou no dia em que acabou a banda que viria a se tornar a minha predileta a partir de então.

Creio que se não existissem esses fatos que acabo de mencionar, esse trabalho também não existiria, pois sem essa seqüência de acontecimentos que resultou na minha atual paixão pela música, eu jamais teria me interessado em tocar guitarra, instrumento sempre presente (e de grande destaque, inclusive) nessas bandas que tocam músicas "estranhas e boas", as quais alguns se acostumaram a chamar de rock.

O outro grande fator que possibilitou a existência desse trabalho foi o meu ingresso no curso

de Midialogia. Sim, claro... Isso é óbvio! Mas o que não é tão óbvio assim é o modo como eu vim parar aqui. O que determinou o meu ingresso no curso de Midialogia foi basicamente o acaso. Quando eu estava prestando vestibular, optei por estudar em uma universidade próxima à minha residência, na cidade de São Paulo, e o curso escolhido foi engenharia, devido, principalmente, à minha afinidade e paixão pela matemática e por ciências exatas em geral (Por que não prestar um curso de matemática então??? Fica aí a pergunta...). Porém, como meu pai fazia mestrado na Unicamp, este me convenceu a prestar algum curso por aqui. Como eu não tinha nenhuma intenção de estudar na Unicamp e também não sabia exatamente qual engenharia escolher, optei por um curso "coringa", que tivesse coisas gostosas de se estudar. Juntando o meu fracasso nos outros vestibulares com a minha vontade de não fazer mais um ano de cursinho, acabei vindo parar na Unicamp, que foi o único vestibular que passei. Hoje estou tentando me adaptar ao curso e aos estudos na área de humanas. Aliás, falando em cursinho...

"Época de cursinho"... Sim, os vestibulandos entendem bem o que isso quer dizer. Aquele período (de tempo indefinido) da vida em que você abre mão de tudo o que considera não necessário à sua sobrevivência e se dedica apenas a estudar... estudar... estudar... E foi assim que eu larguei as aulas de guitarra. Foi frustrante, mas acredito que tenha sido necessário. Por aproximadamente dois anos eu me dediquei àquilo que até então estava eu certo de que seria meu sustento para o resto da vida: a guitarra! Sim, eu queria ser músico! Mas sabe como é, né? Sempre fica aquele receio... "e se não der certo?"... Daí entra o cursinho... É importante ter uma profissão "de verdade" caso a profissão "dos sonhos" não dê certo. E com um grande aperto no coração larguei a guitarra e vim parar aqui, na Midialogia. Daí surgiu a idéia do meu projeto de aprendizagem: tocar guitarra! Mais precisamente o último solo da música "Sweet Child O'Mine", do Guns N'Roses. E se alguém estiver pensando que o meu projeto não passa de uma fraude ("ah... mas ele já sabia tocar guitarra..."), posso mostrar onde se encontra o leigo equívoco desse modo de pensar: pra começar devo dizer que o modo de tocar guitarra não é único, ou seja, se você sabe tocar uma música, isso não quer dizer que você saiba tocar todas. Também existem diferenças de estilos. Por exemplo: eu costumo ser o "guitarrista base" nas bandas em que toco. O guitarrista base é aquele que dá suporte (daí o nome) para o "guitarrista solo". Para tocar o solo de "Sweet Child O'Mine" foi preciso que eu mudasse totalmente o meu estilo de tocar guitarra. E pra agravar tudo, existe ainda o "fator ferrugem". O tempo que eu fiquei parado fez com que eu perdesse muito da agilidade e técnica que possuía nos bons tempos em que fazia aulas de guitarra, e para tocar esse solo foi preciso que eu treinasse diariamente (causando assim a ira das pessoas que moram na mesma casa que eu) para recuperar ou até mesmo aprimorar as técnicas e a agilidade que possuía antigamente. Creio que essa pequena explicação tenha sido suficiente para legitimar o meu projeto, se é que alguém duvidava da minha palavra.

Para encerrar essa introdução falta comentar a preferência de aprendizagem. Então: os testes disponibilizados TelEduc levaram-me a concluir que o meu método de aprendizagem<sup>1</sup> é “multimodal”, com uma tendência para os modos de aprendizagem “visual”, “prático” e “global”. Porém, durante meu processo de aprendizagem, essa constatação acabou entrando em conflito com os fatos constatados empiricamente. Por se tratar do aprendizado de uma música, é lógico que o lado “verbal” foi mais importante que o “visual”, pois, afinal, como seria o aprendizado de uma música utilizando figuras? Já entre os modos “prático” e “teórico”, tive que fazer algumas suposições (modo “prático”: aprender ouvindo a música; modo “teórico”: aprender lendo as transcrições da música) e cheguei a conclusão de que utilizei muito mais o lado “teórico” do que o “prático”. Com os modos “global” e “seqüencial” aconteceu algo curioso: embora, geralmente, eu aprenda solos utilizando o modo “global”, dessa vez eu utilizei mais o modo “seqüencial”. Talvez por necessitar uma precisão maior, mas não tenho certeza disso.

## **2 - Objetivo do Estudo e Metodologia Utilizada**

O objetivo geral do meu projeto de aprendizagem era aprender a tocar o último solo de guitarra da música “Sweet Child O'Mine”, do Guns N'Roses. Para isso, foi necessário que eu conseguisse uma amostra da música, uma guitarra, uma palheta (objeto utilizado para tocar as cordas da guitarra), a guitarra deveria possuir cordas boas (que não desafinassem e que não estourassem com facilidade), teria de conseguir também um amplificador para ligar a guitarra, um pedal de distorção (efeito que “distorce” o som da guitarra, deixando-o mais “pesado”), um pedal de Wah-Wah, ou simplesmente Wah (efeito que causa uma oscilação no som da guitarra. O nome é uma onomatopéia), três cabos (um para ligar a guitarra no pedal de Wah-Wah, outro para ligar o pedal de Wah-Wah no pedal de distorção e outro para ligar o pedal de distorção no amplificador), um adaptador para ligar a guitarra ao computador e um espaço físico para meus treinamentos. Isso tudo corresponde à parte prática do projeto. Do lado teórico foi necessário conseguir uma transcrição do solo em uma “linguagem” que eu entendesse e alguns métodos de estudo de guitarra para que eu pudesse treinar também minha agilidade e melhorar minha técnica.

A amostra da música eu já possuía em CD, porém, achei que seria mais fácil trabalhar com a música no computador, pois este seria muito utilizado durante todo o processo de aprendizagem. Assim, passei a música para o computador (mas não joguei o CD fora, pois o mesmo ainda poderia ser útil). A guitarra: como não possuía dinheiro para comprar uma nova, trouxe do meu apartamento (aquele do Jardim Popular) a minha boa e semi-nova guitarra mesmo. A palheta e o amplificador vieram junto com a guitarra que, aliás, já possuía cordas também, mas achei melhor trocá-las a fim de evitar algumas surpresas desagradáveis. O pedal de distorção foi substituído por uma pedaleira de efeitos diversos que, apesar de possuir vários efeitos, a qualidade dos mesmo é inferior à dos pedais de único efeito. Do pedal de Wah-Wah eu já havia desistido. Foi quando, misteriosamente, surgiu um destes em meio aos instrumentos musicais contidos no “estúdio” da Dona Mydia (Dona Mydia é nome da república estudantil onde resido). Suspeito que seja de Douglas Siqueira, um dos moradores da república e estudante do curso de Midialogia. Os cabos eu também já possuía, mas estes, ao contrário do pedal de Wah-Wah, sumiram. Tive que comprar cabos novos, bem como o adaptador para ligar a guitarra ao computador. Agora estava faltando o espaço físico para o treinamento que, graças ao gosto por música que compartilho com os moradores da minha

república, seria facilmente solucionado. Para meus treinamentos com a guitarra desligada bastava uma cadeira vazia, geralmente em frente a algum computador ligado à internet para que eu pudesse “ler a música” à medida que fosse necessário. Para os treinamentos com a guitarra ligada, usei o já citado “estúdio” da Dona Mydia, um quatinho pequeno onde cabem apenas alguns instrumentos e seus respectivos operadores. Daí a importância do compartilhamento do gosto por música com meus amigos: Esse “estúdio” já existia antes. Não fora uma criação minha só para fazer esse projeto. Por último, a transcrição do solo e os métodos de estudo. Consegui ambos da mesma forma. Em sites na Internet (utilização da tecnologia no processo de aprendizagem!) e em revistas e livros de música voltados para guitarra. Os sites da internet eu encontrei através de mecanismos de buscas e alguns eu inclusive já conhecia. As revistas eu usei as que já possuía, com técnicas e exercícios, mas não com a transcrição do solo da música, e o livro eu consegui com um amigo, quase sem querer. O Rodrigo Machado, mais um companheiro de curso e república, pegou emprestado com um amigo um livro com as principais músicas do Guns N'Roses. Entre elas estava “Sweet Child O'Mine”. Rodrigo trouxe o livro para Campinas e, sabendo o quanto era valioso para mim aquele material, deixou o livro aos meus cuidados durante todo o meu processo de aprendizagem.

### **3 – Resultado do Estudo**

Meu processo de aprendizagem resultou na gravação de um arquivo de áudio e numa apresentação, ao vivo, para meus colegas de classe e professor. Agora vou falar um pouco do caminho percorrido até que se chegasse nesse resultado, começando pela árdua tarefa de se escolher aquilo que se vai tentar aprender.

Durante o processo da escolha do tema do meu projeto de aprendizagem muita coisa me passou pela cabeça, mas nada me agradava o suficiente para que eu pudesse dar a escolha por encerrada. Pensei em aprender a mexer em programas como Flash e Photoshop, pois isso poderia me ajudar até mesmo profissionalmente; pensei em aprender a desenhar, pois desde criança sempre fui frustrado por não conseguir colocar no papel, com o mínimo de semelhança, as imagens que se passavam na minha cabeça; pensei ainda em outras coisas menos “sérias”, como aprender a interpretar o Kama Sutra, mas acabei por escolher mesmo o último solo de “Sweet Child O’Mine”, pelos motivos que já expliquei anteriormente.

Encerrada a escolha, a primeira coisa que fiz foi procurar a transcrição do solo, e isso se tornou bastante fácil quando resolvi usar a internet (daí o porquê da cadeira vazia em frente ao computador com internet na hora de estudar) como ferramenta de busca. Achei diversos sites que continham o solo transcrito, porém, todos usavam a notação em tablatura. Não que isso seja ruim, pois é mesmo o método mais simples de ler, mas não existe notação de tempo em tablaturas. Continuei minha procura por partituras e acabei achando também. Mas o melhor foi que consegui com o Rodrigo, quase sem querer, o livro que possuía tanto a notação em tablatura (mais fácil de ler) quanto em partitura (notação de tempo). Assim, quando não havia a disponibilidade do computador, como, por exemplo, nos momentos em que eu treinava com a guitarra ligada, eu poderia usar o livro do amigo do Rodrigo. O próximo passo foi conseguir os instrumentos necessários para a realização do meu projeto. Superados alguns problemas (pedir dinheiro emprestado a um amigo que estava perto na hora de comprar as cordas da guitarra, por exemplo, ou então, ter que ficar andando de carro pelo centro de São Paulo num sábado até dar 13h para não ter que comprar talão da zona azul), consegui todos os instrumentos de que precisaria. Depois disso, fiz alguns ajustes na guitarra, como trocar as cordas e a afinação, pois a música utiliza uma afinação das cordas diferente daquela que eu costumo usar. Ajustei os efeitos da pedaleira, tentando fazer

uma distorção que se aproximasse o máximo possível da que foi usada pelo Slash (guitarrista solo do Guns N'Roses) na gravação da música. Só então dei início aos estudos, interrompendo-os, porém, logo no começo, pois notei que não estava preparado para executar o solo inteiro, devido às habilidades necessárias para fazê-lo. Comecei então a procurar os métodos de estudos de guitarra para melhorar minhas habilidades. Dos métodos que utilizei, alguns encontrei em sites na internet, outros em revistas especializadas e outros, ainda, nos meus materiais antigos, da época em que fazia aulas de guitarra. Daí, paralelamente ao aprendizado do solo, praticava para aumentar minhas técnicas e habilidades. Quando encontrava alguma dificuldade durante a execução do solo, diminuía os estudos desse e intensificava os daquele. E assim foi até o término do processo de aprendizagem. ora treinando em frente ao computador, com a guitarra desligada, ora treinando no “estúdio”, com a guitarra ligada. Durante esse processo, notei uma tendência para o modo de aprendizagem “teórico”, pois apesar de estar aprendendo a tocar uma música, dei muito mais atenção para o material escrito que possuía do que para a audição da música em si, embora me vi muitas vezes obrigado a escutá-la para constatar o quão perto da música original a minha versão se encontrava. Também tendenciei para o modo “seqüencial” em vez do “global”. Essas duas constatações vão de encontro aos resultados dos testes que fiz durante esse semestre. Isso fez com que eu ficasse mais perdido em relação às minhas preferências de aprendizagem. Acho que vou me apresentar, a partir de agora, apenas como “multimodal” e pronto.

Meu treinamento era diário e, mesmo assim, foi somente poucos dias antes do prazo de entrega (e com muitos calos nos dedos) que consegui executar o solo com perfeição. Mas acho que isso já é assunto para a conclusão...

## **4 - Conclusões**

(Agora sim...) Meu treinamento era diário e, mesmo assim, foi somente poucos dias antes do prazo de entrega (e com muitos calos nos dedos) que consegui executar o solo com perfeição. Logo, meu objetivo pode ser considerado satisfatoriamente alcançado.

Para melhorar a execução do solo (sim, já cheguei a executá-lo com perfeição, mas isso não acontece em 100% das vezes em que o faço), apenas necessito continuar treinando, para não esquecer ou perder a prática. Agora, se pensarmos na melhoria ou expansão do processo de aprendizagem, o que se pode fazer é dar continuidade às pesquisas utilizando as tecnologias e os métodos de ensino à distância.

## **5 – Referências Bibliográficas**

<sup>1</sup> - Index of Learning Styles do Prof. Richard Felder  
<http://www.engr.ncsu.edu/learningstyles/ilsweb.html>